

RESENHAS

Semántica de la Modalidad en Latín, de Salvador Núñez

Amós Coêlho da Silva, da ABF, UERJ e UGF

Há uma linha de pesquisa lingüística, oriunda da gramática gerativa, que toma como *corpus* o inglês e analisa o elemento lingüístico que denomina como *modalidade*. Com o termo *modalidade*, pois, a nova abordagem quis renovar a descrição da categoria *modo* da gramática tradicional. É pertinente a observação filológica de (JOTA, 1976): *Já do indo-europeu vem o processo de esvaziamento ou, pelo menos, distorção dos modos. Nele havia temas especiais para o indicativo, imperativo, subjuntivo, desiderativo e optativo*. Por exemplo: sendo o subjuntivo indo-europeu a expectativa da realização do processo, no latim, o futuro assimilou esse conteúdo; o subjuntivo latino mantém em geral o conteúdo do optativo grego, que tem tema especial e denotava uma ação possível, como no indo-europeu; o desiderativo, que é uma intenção ou desejo, surgiu no grego como tempo futuro. Enfim, no latim vulgar, o modo deixou de existir com morfemas característicos e as categorias foram recompostas semanticamente através de locuções verbais.

Ora, o que ocorreu nas línguas neolatinas, quanto à utilização de locuções, também, guardadas as devidas proporções, se deu no inglês, como Michel Bréal em seu *Ensaio Semântico* ressalta múltiplas vezes.

A *gramática de casos*, que é uma abordagem renovada de análise lingüística por Charles Fillmore (1919), com orientação da gramática gerativa, põe em foco, porém, os papéis sintáticos dos elementos de uma oração, observando as relações semânticas não levadas em conta até então. Caso, nesta abordagem, é a combinação semântica de possibilidades em relação a um verbo.

Na nova tendência, acolhem-se estruturas gramaticais superficiais, tomando observações semânticas em cada uma como estáveis.

Sabendo que *modalidade* é a indicação dos contrastes em *modo* (atitude do usuário ao estruturar uma oração com um verbo) assinalados pelos verbos e categorias associadas, qual o alcance gramatical e semântico dos diferentes tipos de análise (descritiva, histórica, estrutural, gerativa e pragmática) do elemento lingüístico denominado *modalidade*?

Os estudos utilizando o exemplário latino

O enfoque da *modalidade* abrange os diferentes tipos de significados modais que podem ser observados numa língua como o *latim*, que acumula muitas e variadas análises de uma longa tradição gramatical, dedicada ao tema *modalidade* manifesta nas *formas verbais*. Apesar da dedicação filológica e lingüística, os resultados são ainda incertos e a discussão continua. Há falta de uma *teoria semântica modal* consistente.

A monografia de A. M. Bolkestein (*Problems in the description of modal verbs. An Investigatio of Latin, Assen, 1980*) é uma recente abordagem sobre o assunto, além dos únicos estudos contidos *tradicionalmente em dicionários e repertórios léxicos*.

Mas, Harm Pinkster (*Sintaxis y Semántica del Latín*) aponta as seguintes dificuldades numa abordagem do *latim*: 1) a ausência de falantes nativos, o que numa língua moderna muitas vezes se pode determinar como *valência*, cf. Lucien Tesnière, 1893-1954, *valência* é um termo proveniente da Química e usado na Lingüística com referência a um modelo de sentença com um elemento fundamental: o verbo e um certo número de elementos dependentes (donde, gramática de dependência), observando o tipo de laços que possam existir entre os elementos sintáticos de um predicado utilizando-se a intuição dos falantes nativos; no *latim* essa produtividade lingüística está excluída. Um segundo problema é indicar se uma construção é gramatical, e não se admitir apenas a especulação da *correção gramatical*. Um terceiro problema é a impossibilidade de considerações sociolingüísticas.

Conceito de modalidade

A orientação tradicional, que está centrada nas formas verbais e seu alto grau de gramaticalização, costuma coincidir com a definição prévia do conceito de *modalidade* vigente quanto às formas verbais das línguas clássicas, quando se observa a expressão de subjetividade do falante, manifestando estados psicológicos, como desejo, dúvida, volição, hipótese etc..

Esta orientação tradicional está inventariada em dicionários e outros compêndios gramaticais, mas as suas formulações são sempre com *enfoques indutivos*, sem consistência epistemológica, porque lhes falta a generalização conclusiva.

Herdam, embora gerativistas, a mesma imprecisão de conceito de *modalidade* desenvolvida em F. R. Palmer (*Modality and the English modals*. Londres, 1979 e *Mood and Modality*, Cambridge, 1986).

Em M. A. K. Halliday (*Functional diversity in language as seen from a consideration of mood and modality in English*, 1970) há uma formulação interessante porque exclui a ambigüidade e imprecisão de formulações anteriores, abordando *modalidade* como uma expressão da função *interpessoal* da linguagem, isto é, a sua análise põe em relevo o que falante confere ao enunciado de

grau de possibilidades de realização da comunicação. A *modalidade* pode ser expressa pela natureza verbal, mediante suas formas, e, por isso, se encontraria restrita a orações subordinadas como os períodos condicionais ou o estilo indireto.

Em suma, Salvador Núñez examinou as seguintes descrições: a de Ch. Fillmore (1929), quanto à sua gramática de casos; o enfoque de modalidade na monografia de A. M. Bolkestein (*Problems in the description of modal verbs. An Investigatio of Latin*, Assen, 1980); as restrições de Harm Pinkster (*Sintaxis y Semântica del Latín*, 1995); a interessante formulação de M. A. K. Halliday (*Functional diversity in language as seen from a consideration of mood end modality in English*, 1970); *lo que Ransom denomina Modalidades de Evaluación coincide en la práctica con la definición tradicional de modalidad mencionada anteriormente...*, cf. o próprio Núñez (1991:25); a análise das funções modais será realizada com a exclusão total do método indutivo, pois há línguas com maior ou com menor inventário de verbos e locuções verbais, passando ao método hipotético-dedutivo na linha de A. J. Greimas & J. Courtés, 1979. *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*, Paris. Entretanto, Salvador Nuñez não deixa de admitir os antecedentes, alguns deles citados acima. Os pressupostos da origem deste tipo de enfoque lingüístico seriam oriundos da filosofia da linguagem e análogos aos utilizados nos estudo sobre *lógica formal*. Após delimitar um campo modal como objeto de análise (obrigações e consentimentos, por exemplo), selecionam-se determinados valores de verdade que são introduzidos de maneira axiomática como ponto de partida de seus cálculos e deduções.

Predicação e modalidade

Uma distinção habitual nos estudos de lógica é a que se estabelece entre *predicação (conteúdo proposicional)*, que é *o que designa o significado derivado exclusivamente dos diferentes lexemas e morfemas incluídos nas orações e modalidade*. Cada *esquema predicativo* nos informa sobre a forma léxica do *predicado e categoria sintática* (adjetivo, verbo, substantivo), o número de *argumentos* que necessita (obrigatórios ou opcionais), as *restrições de seleção* entre seus *argumentos*, a *intensidade* que o esquema predicativo indicaria e a *função sintática* dos argumentos. Um exemplo de esquema predicativo com *edere*: construção com dois argumentos obrigatórios, caracterizado pelo traço semântico, ou seja – na linguagem descritiva deles: *rasgo semântico* [+animado] com um “agente” que cumpre a função e outro *rasgo semântico* [+comestível] em função de objeto. Deste ponto de vista, o *predicado modal* se caracteriza por sua orientação transitiva.

O significado literal de uma oração, tanto simples como composta, será uma combinação dos significados de seu *conteúdo oracional* e de sua *modalidade proposicional*:

Sº. oracional = [conteúdo orac. + modalidade proposicional]

De modo que *modo verbal seria um sistema de oposições complexas* e, por isso, a definição de *indicativo* como modo da realidade ou o *subjuntivo* como modo da ordem ou do desejo é inadequada; não corresponderia à veracidade dos fatos lingüísticos. Essa definição de cunho nocional não abrange em si os diferentes usos.

Daí, diz o Autor, usará *modo* em sentido exclusivamente formal, referindo-nos à categoria flexiva do verbo e modalidade como categoria semântica. Admite o conceito de *verbo modal*, no âmbito da expressão do verbo, cf. Ch. Bally, (1942, “*Syntaxe de la modalité explicite*”, *Cahiers Ferdinand de Saussure*), que se dá quando há um verbo transitivo que tem por complemento uma proposição. Porém, não com o conceito de *auxiliar modal* da recente investigação lingüística, mais inclinada a considerá-lo como expressão léxica daqueles significados modais. O correto procedimento de Bolkestein, segundo o Autor, está na medida em que ele considera como expressões modais aquelas formas que exprimem *diversos graus de necessidade e obrigação*.

Assim, há os seguintes tipos de *modalidade* cf. G.H. von Wright (1951, *An essay in modal logic, Amsterdam*)

Aléticas: modos de verdade

Epistêmicas: modos de conhecimento

Deônticas: modos de obrigação

Radicais: modos dinâmicos

Obs.: Há outras *modalidades*, como a *existencial*, a *boulomáicas*, relativas ao desejo e preferências, *doxásticas*, relativas às crenças...

Modalidade radical

Denomina-se *modalidade radical* quando se faz referência ao sujeito da predicação; portanto, ocorre na expressão de sintagma como unidade lingüística superior ao sentido de verbo modal. Alguns verbos, como *audere, coepisse, conari, desistere e solere*, são modais, mas não apresentam a função de *modalidade*, reflexo da subjetividade, necessidade e possibilidade do falante. Por outro lado, há verbos, formas verbais e locuções, como *queo, nequeo; gerúndio e gerundivo; opus est*, critério Bolkestein, que expressam apenas *modalidade radical* e, ocasionalmente, a *deôntica* em dados sintagmas.

Os verbos modais latinos

Encontramos uma descrição completa de diferentes significados e usos dos verbos modais nos dicionários como *Thesaurus Linguae Latinae, Dictionnaire étimologique de Ernout & Meillet* ou o *New Oxford Latin Dictionary*, além de estudos léxicos como os de Krebs-Schmalz 1905-7, Menge 1953 e Lease 1900 (apenas sobre *licet*), ou sintáticos como Kühner-Stegman 1912 ou Szantyr 1965.

Verbos modais de necessidade e obrigação

Necesset est, acepções:

(Ernout & Meillet 1967): “la nécessité à laquelle il est impossible de se soustraire”, “a necessidade à qual é impossível de se subtrair”

(K. Strunk. 1924, “Lateinische Gerundium und Gerundivum und die Harper ed, *Conditionals*, Dordrecht, 1981): “unausweichlich Notwendigkeit”

(New Oxford Latin Dictionary): “indispensable, essential, determined by law, inevitable”, “indispensável, essencial, determinado por lei, inevitável”

Não apresentaremos todo exemplário descrito pelo Autor, devido à restrição de espaço, porém traduziremos para o português o exemplário latino, não traduzido pelo Autor para o espanhol. Onde não ocorre a indicação do personagem, como em citações abaixo, é porque não conseguimos localizar o verso. Há nas citações cortes de trechos, discrepância na numeração de versos e a não indicação da personagem do diálogo, o que consiste numa falha do Autor.

1

a) *Necesse est hodie Sicyoni me esse aut cras mortem exsequi* (Pl., *Pseud.* 995), é necessário hoje que eu esteja em Sicyone ou que eu amanhã esteja morto

b) (*Cleæreta*) *Necesset facere sumptum qui quaerit lucrum* (Pl., *Asin.*, 203), (*Cleéreta*) é necessário aplicar o dinheiro quem procura vantagem.

c) (*Iuppiter*) *mihi necesse est ire hinc; uerum quod erit natum, tollito* (Pl., *Amph.*, 342), (*Júpiter*) quanto a mim é necessário que parta daqui; porém, criarei a criança que nascer

d) *necesse est, Clitipho, est consilia consequi consimilia* (Ter., *Heaut.*, 209), é necessário, ó Clitifon, que tu sigas (de fato) conselhos semelhantes

Como se pode ver, a expressão predicativa *necesse est* se constrói sempre com uma predicação subordinada em função de sujeito que pode ser: 1) infinitivo *Id* ou com o dativo *Ic*; 2) oração substantiva de infinitivo com sujeito acusativo *Ia*, que ocasionalmente pode ser elidido *Ib*.

Temos a seguinte representação:

*2

a) **necesse est1* (X1:[V(X1, X3,...Xn)](X1))

b) **necesse est2* (X2) (X1:[V(X3...Xn)](X1))

dativo

É interessante notar a distinção que Salvador Núñez admite acima em obs. *necesse est1* com um argumento *Ia, b* e *necesse est2* com dois argumentos *Ic* – dos quais só o predicado de (*necesse est1*) seria rigorosamente modal. Assim, *Ic* [*mihi necesse est ire hinc; uerum quod erit natum, tollito*] tem dois argumentos: *mihi* [não modal, constituinte em dativo e +humano para *necesse*

est2]. Donde, modalidade deôntica: *necesse est*.

Agramaticalidade:

***3**

a) **arboribus necesse est crescere, é necessário às árvores que cresçam*

b) **villae necesse est (ut) magna sit, é necessário à casa do campo que seja grande.*

Observem-se as construções abaixo:

4

a) *uobis necesse est uiris fortibus, é necessário que vós sejais homens fortes* (Liv.21,44,8)

b) *per hanc curam quieto tibi licet esse: hoc quidem iam periit, é lícito a ti, por estes meus cuidados, estar em quietude: este problema certamente já desapareceu* (Pl., Epid., 338)

Se se aceita que os dativos *uobis* e *tibi* 4ab têm sua origem numa representação semântica hipotética como *2b, a explicação dos predicados *uiris fortibus* e *quieto* das predicções subordinadas não seria possível (M. Maraldi. 1980, *The complement structure of perception verbs in Latin*, in G. Calboli ed, Papers on Grammar I, Bolonia.) e (G. Calboli. 1966-68, *I modi del verbo Greco e Latino*, Lustrum, 11 e 13). Pelo contrário, partindo de uma estrutura subjacente como 1a de *3a em que o dativo tem função sintática de sujeito da predicção, a derivação dos dativos predicados não apresenta problema algum.

***Oportet*, acepções:**

(Ernout & Meillet 1967): “la convenance, le devoir moral plutôt que la nécessité”, “a conveniencia, o dever moral de preferência à necessidade”

(K. Strunk. 1924, “Lateinische Gerundium und Gerundivum und die Harper ed, *Conditionals*, Dordrecht, 1981): o traço semântico mais acentuado seria “einsichtig”, (“razonable”)

(New Oxford Latin Dictionary): “demanded by some principle or standart”, “exigido por algum princípio ou regra”, ou seja, “it is proper, right”, “o que é conveniente, justo”

4

b) (*Philocrates*) *Nunc uiuat, necne, id Orcum scire oportet scilicet, (Filócrates) no momento se vive ou não, o Orco, é claro, deve saber* (Pl., Capt., 215)

c) (*Mercurius*) *Prodigum te fuisse oportet olim in adulescentia, (Mercúrio) é preciso que tenhas sido um pródigo outrora na juventude* (Pl., Amph., 873)

d) (*Mercurius*) *Atque haud longe abesse oportet; verum longe hinc abfuit, (Mercúrio) e convém que ele não esteja longe; porém de longe volte*

aqui (Pl., *Amph.*, 164)

Salvador Nuñez aponta no exemplo *4a Haec faciat oportet, convém que faça isto*, Cat., *Agr.*, 14,1) a única construção sintática com *oportet* de estrutura intransitiva: verbo no subjuntivo e argumento constituído por uma predicação completa. As construções, acusativo com infinitivo, *4b,c*, podem apresentar o sujeito elidido *4d*.

Debeo, acepções:

(Ernout & Meillet 1967): “avoir en le tenant de quelqu’un”, “ter algo mediante qualquer um” (sentido jurídico) e “l’obligation de faire une chose”, “a obrigação de fazer uma coisa”

(New Oxford Latin Dictionary): “to be under an obligation”, “estar sob uma obrigação”

5

b) *Non debes inimicae credere linguae, não debes crer na língua inimiga* (Prop. 2, 32, 25)

c) *Dicique beatus ante obitum nemo supremaque funera debet, ninguém deve ser chamado de feliz antes da morte e da sepultura* (Ov., *Met.*, 3, 136)

6

a) (*Trimalchio*) *Sex pondo et selibram debet habere, (armillas suas, seus braceletes (Trimalquião) deve(m) ter em peso seis libras e meia* (Petr. 67, 7)

b) *At quoniam supra docui nil posse creari de nilo... esse immortalia primordia corpore debent, mas visto que, cf. ensinei acima, nada não pode ser criado do nada... os elementos primordiais devem existir em corpo imortal* (Lucr. I, 543, 545)

7

a) (*Philoxenus*) *Hae oveis uobis malam rem magnam quam debent, dabunt, (Filóxeno) estas ovelhas pagarão a vós a grande desgraça que devem* (Pl., *Bacch.*, 1103)

b) (*Thespio*) *(prius) quam id argentum quod debetur pro illa, dinumerauerit, (Téspio) antes que tenha contado o dinheiro que deve por ela (=pela sua bela)* (Pl., *Epid.*, 74)

Ao contrário de *necesse est*, *oportet* e *licet* – de natureza impessoal – *debeo* e *possum* apresentam uma estrutura semântica com dois argumentos obrigatórios; um nominal em função de sujeito, outro verbal, expresso sempre mediante um infinitivo.

Verbos modais de possibilidade

Licet, acepções:

(Ernout & Meillet 1967): *être permis, ser permitido*

(New Oxford Latin Dictionary): assinala equivalência com o verbo modal

inglês *may*

8

a)(*Miles*) *Estne empta mihi istis legibus?* (O Soldado) Ela foi comprada para mim nestas condições?(*Periphanes*) *Habeas licet*, É lícito que a tenhas. (Pl., *Epid.*, 473)

b)(*Toxillus*) *Dies datus hodie 'st ab dis, quia te licet liberam me amplecti*, (*Toxilo*) hoje os dias foram abençoados pelos deuses, porque é lícito que sejas livre e me abrace (Pl., *Pers.* 789).

c)(*Sosia*) *Animum aduerte: nunc licet mi libere quiduis loqui* (Pl., *Amph.*, 235), (*Sósia*) Escuta, então. Agora posso falar o que quiser com toda a liberdade.

d)(*Prologus*) *Asinariam uolt esse, si per uos licet.* (Prólogo) Eu quero chamá-la *Asinária*, se vós permitis (Pl., *Asin.*, 12)

f) *Atque id primum in poetis cerni licet, e, antes de tudo, pode-se observar isso entre os poetas* (Cíc., *De Orat.*, 3, 7, 4)

Como se vê, *licet* apresenta do ponto de vista sintático o subjuntivo paratático, como em 8a, infinitivo e sujeito em acusativo 8b (predicação completiva); apenas com infinitivo 8c,d,f. Neste último caso, pode aparecer um constituinte em dativo 8c, às vezes, com elisão. Ainda pode ocorrer uma causa preposicionada ou em ablativo. Destaque-se ainda o infinitivo ativo é mais frequente do que o passivo 8f.

Em 8a-c podemos afirmar que há o sentido “eu te permito” e nas seguintes, o de “é possível”. Construções especiais do verbo *licet*: uso de predicativo em dativo com infinitivo, mas pode ocorrer o predicativo em acusativo, que é o comum em latim.

9

a) *licuit esse otioso Themistocli, foi permitido a Temístocles ser ocioso* (Cíc., *Tusc.*, 1, 33)

e) *Atqui licet esse beatis, (entretanto) é permitido que eles sejam felizes.* (Hor., *Sát.*, 1, 1, 19)

Representação semântica do autor:

10

a)(*id*) *licuit [S Themistocles esse otiosus]*

b)(*id*) *licuit Themistocli I [s t] esse otioso]*

Nestes exemplos, temos *licet* na modalidade radical e deôntica, na sua expressão verbal plena, sem ter derivado em conjunção concessiva.

A modalidade epistêmica ocorre, bem como coincidente com o emprego de conjunção concessiva. O seu significado ou é permissão para fazer algo, ou reconhecimento de que algo é ou não é possível, isto é, a indicação do compromisso do falante com a verdade do enunciado (uso epistêmico).

11

a) *Crescere itemque dies licet et tabescere noctes, et minui luces, e, desse modo, é possível que não só dias se alonguem mas também as noites se encurtem e a intensidade solar seja reduzida* (Lucr. 5, 680)

b) *Nam licet hinc mundi patefactum totius unum / largifluum fontem scatere atque erumpere lumen, portanto, é possível daí que brote e jorre uma luz uma única fonte, escoando abundantemente, de todo o mundo* (Lucr., 5, 597)

Bailey {esqueceu de citar a obra} traduziu o exemplo *Ila* e o equívaleu, quanto ao sentido, em *it may be that, deve ser assim, it is possible that, é possível que...* Quanto a *Iib*, há possibilidade mais subjetiva... donde o sentido é plenamente epistêmico.

Possum, acepções:

{sem consulta de dicionário}

Possum = 1 - capacidade e habilidade

2 - permissão

3 - possibilidade

12

c) *Tum L. Cassius multum potuit non eloquentia, sed dicendo tamen, Nessa época, L. Cássio, não muito capaz em eloquência, teve, entretanto, capacidade na ação do discurso.* (Cic., Br., 97)

13

a) (*Prologus*) *Ea signa nemo horum familiarium uidere poterit, uerum uos uidebitis, ninguém poderá ver aqueles sinais, mas vós vereis.* (Pl., Amph., 146)

b) (*Tyndarus*) *Ut, quam primum possis redeas, (Tíndaro) tens de te esforçares, antes de tudo, para que voltes.*

Neste grupo de exemplos mostra a construção de *possum* com objeto nominal ou adverbial, o que – tanto por seu significado quanto seu regime sintático, os estudos sobre os verbos modais costumam situar à parte de *possum* modal.

14

b) *potest igitur testibus iudex non credere? Cupidis et iratis ... non solum potest, sed etiam debet, o juiz pode, portanto, não crer nas testemunhas? Com paixão e com ódio... não somente pode, mas também deve.* (Cíc., Font., 21)

Aqui o significado de *possum* equivale ao de *licet*, ser lícito, permitido. Modalidade deontica.

15

g) (*Amphituo*) *Vidit, nec potest fieri, tempore uno / Homo idem duobus*

locis, ut simul sit? (Anfitrião) Viu quando um mesmo homem estivesse em dois lugares num só momento? Nem pode acontecer. (Pl., Amph., 408-9)

Com o sentido de possibilidade de realização, o que pode ser parafraseado em advérbios de dúvida: *fortasse, forsitan...*

A negação

A negação afeta a modalidade radical, conforme se trate de modais de obrigação ou de possibilidade. A negação incide sobre a predicação subordinada.

26

a) *quorum fortunam non debes uelle conturbare, dos quais não deves querer perturbar a sorte (Cic., Att., 10,9,2)*

d) *(Euclio) Tum illam scibas non tuam esse: non attactam oportuit, (Euclião) Então sabias que não seria tu; não deverias tê-la tocado. (Pl., Aul., 710)*

Na 26a a negação, que está relacionada com *verbo modal de necessidade (non debes –equivalente non oportet)*, recai sobre a predicação subordinada, um equivalente a *é necessário que não...* Em 26d, pelo contrário, é a *modalidade que se encontra negada não é necessário que...*

28

a) *qui mortem in malis ponit, non potest eam non timere, quem põe a morte entre os males, não pode senão temê-la (Cíc., Fin., 3,29)*

Modalidade deôntica (ordem, proibição, permissão...)

1

a) *egredere ex urbe, Catilina, libera rem publicam, sai de Roma, Catilina, liberta a república do medo (Cic., Cat., 1,20)*

No imperativo e no subjuntivo existe intrinsecamente a determinação de uma causa *deôntica* dos participantes no processo de comunicação, já os verbos modais são neutros em relação a esta indicação, a não ser que ocorra enunciados performativos, como os que podem ser parafraseados em *eu permito que/ ordeno que...*

24

e) *(Euclio) Exi, inquam: age, exi. Exeundum, hercle, tibi hinc est foras, (Euclião) Sai, eu afirmo. Mexa-se, sai. Por Hércules, deves sair daqui. Fora! (Pl., Aul., 1)*

O enunciado se enriquece da expressão diretiva, quando a construção se exprime pelo gerundivo (exemplo acima), além do modo imperativo. Note-se o exemplo 28b. Também se dá o mesmo com *opus est*.

Os modais de obrigação e de possibilidade (*debeo, possum, oportet, licet e a expressão predicativa necesse est*), se empregados como diretivos, assinalam o sentido de autoridade ao falante como as ordens, proibições, conselhos e advertências.

Modalidade epistêmica: a expressão *epistêmica* pode ser parafraseada com *provavelmente é verdade que...* A sua interpretação depende de fatores contextuais que determinam orientação *dêitica*. A *modalidade epistêmica* é difícil de ser separada da *radical*. A *epistêmica* se subdivide em conhecimento subjetivo e evidente, sendo este último um contrato entre o falante e o ouvinte. Os elementos prosódicos e paralingüísticos são de grande valor para análise desta *modalidade*. Como o latim é língua epigráfica, estes elementos ficam de fora. São *modais epistêmicos explícitos* os verbos de opinião como *credo, dubito, uereor, nescio, intellego, dico* (em expressões impessoais= orações intercaladas?!), etc.

10

b) *Quoniam habes istum equum, aut emeris oportet, aut hereditate possideas, aut munere acceperis, aut domi tibi natus sit, aut, si eorum nihil est, surripueris necesse est, portanto tens este cavalo (aqui), ou necessariamente o tenhas comprado, ou que o possuas por herança, ou tenhas recebido como presente, ou nasceu para ti em tua casa, ou, se não for nada destas coisas, é necessário que o tenhas surripido.* (Cíc., *De inv.*, I, 84)

Neste uso de verbo modal *epistêmico* de necessidade se discutem inferências dedutivas com base em razões lógicas, como no exemplário abaixo:

13

d) *(Mercurius) Prodigum te fuisse oportet olim in adolescentia, é preciso que tenhas sido um pródigo outrora na adolescência.* (Pl., *Amph.*, 873)

A indicação à adolescência de Anfitrião (=ouvinte) é o que se chama uma referência ao momento da enunciação (=caráter *dêitico*)

16

b) *si multus erat in calceis pulvis, ex itinere cum uenire oportebat, se muito pó existia nos calçados, era preciso que ele tivesse chegado de viagem* (Cic., *De inv.*, I, 47)

17

a) *omnia enim debet, mortali corpore quae sunt, infinita aetas consumpse, então o tempo infinito deveria ter consumido todas as coisas que existem no corpo imortal* (Lucr. I, 232)

b) *qui locus desertus est, in eo caedem factam esse oportet, este lugar é deserto; aí necessariamente existe um assassinato ocorrido* (Cic., *De inv.*, I, 80)

Conclui o Autor que a interpretação dos enunciados não depende exclusivamente dos elementos mencionados. O significado de um enunciado modal é extremamente sensível a influência do contexto. Dentro dos grandes tipos de

modalidades estabelecidos, a determinação da força elocutiva específica de cada ato de fala, como ameaça, promessa, inferência, hipóteses..., dependerá, aliado a outros fatores (costumes de um povo, como *Ic (Iuppiter) mihi necesse est ire hinc; uerum quod erit natum, tollito, (Júpiter) quanto a mim é necessário que parta daqui; porém, criarei a criança que nascer* - onde traduzimos *tollito*, imperativo futuro, *por criarei a criança* e a tradução literal seria: *levante a criança!* É que, ao erguer a criança entre as mãos para quem assitir, significa deliberadamente a aceitação paterna da mesma) de uma série de elementos como são a ocupação dos diferentes papéis, como autoridade, agente...

Bibliografia:

- 1) BRÉAL, Michel. *Ensaio de Semântica- Ciência das Significações*. Tr. Aída Ferras et alii. São Paulo: Pontes, 1992.
- 2) CÂMARA JR., J. Mattoso. *Dicionário de Filologia e Gramática*. Rio de Janeiro: J. Ozon, s/d.
- 3) CRYSTAL, David. *Dicionário de Linguística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- 4) ERNOUT, A. & MEILLET, A. *Dictionnaire Ethymologique de la Langue Latine: Histoire des Mots*. Paris, Klincksieck, 1985.
- 5) ILARI, R. & GERALDI, J.W. *Semântica*. S. Paulo: Ática, 1987.
- 6) JOTA, Zélio dos Santos. *Dicionário de linguística*. Rio de Janeiro: Presença, 1976.
- 7) MAINGUENEAU, Dominique. *L'Analyse du Discours*. Paris: Hachette, 1991.
- 8) PINKSTER, Harm. *Sintaxis y Semántica del Latín*. Madrid: Ediciones Clásicas, 1995.
- 9) RUBIO, Lisardo. *Introducción a la Sintaxis Estructural del Latín*. Barcelona: Ariel, 1989.
- 10) TORRINHA, Francisco. *Dicionário Latino Português*. Portugal: Porto Editora, s/d.